

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS



CONIMBRIGA



VOLUME XXXIX – 2000

INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

PIERRE CARLIER, *Homère* (Paris, Fayard, 1999). 415 pp., ISBN 2-213-60381-2

O *Homère* de Pierre Carlier, com uma introdução, seis capítulos, seis anexos, bibliografia e índices, fornece-nos a análise dos Poemas Homéricos pela perspectiva de um historiador.

A “Introdução” (pp. 7-21) alude à tradição biográfica sobre Homero, aduzindo os testemunhos antigos, sem esquecer as críticas de Xenófanos, de Platão, entre outros; refere as principais interpretações dos Poemas; expõe brevemente a questão homérica, suscitada pelo livro de Friedrich August Wolf, *Prolegómenos a Homero* (1850), e sublinha a tese da improvisação oral de Milman Parry e A. B. Lord e a importância dos epítetos e das fórmulas.

Indica alguns dos objectivos do livro, explicitando que procura responder a perguntas como: «Quel est le sens de l'expression “la mer vineuse”? Pourquoi Achille a-t-il repoussé l'offre de réconciliation d'Agamemnon, au chant IX de *Ylliadel* La guerre de Troie a-t-elle eu lieu? Les usages matrimoniaux décrits par Homère sont-ils cohérents, sont-ils vraisemblables, correspondent-ils à une réalité historique?» (p. 16). Conclui a “introdução” com a afirmação de que o objectivo principal do livro é examinar em que medida os Poemas Homéricos podem ser utilizados como fontes históricas (p. 20).

De acordo com os objectivos propostos, o capítulo 1, intitulado “Do mundo micénico às cidades arcaicas” (pp. 23-80), vai abordar o cenário, as sociedades e as épocas que podem estar subjacentes à *Iliada* e à *Odisseia*: fala da Idade do Bronze no Egeu e da possível chegada dos “primeiros Gregos”, das escritas usadas nessa região, com saliência para o Linear B; da descoberta das civilizações minóica e micénica, das escavações de Schliemann; e faz uma breve análise das sociedades micénicas, da sua religião, da história política e do seu declínio. Por fim, alude, de forma sucinta, à Idade Obscura e aborda a “Chegada dos Dorios”, discutindo os dados da tradição sobre esses povos, o testemunho da Arqueologia, a tese de Chadwick de que os Dórios não vieram do exterior, mas se encontravam no mundo micénico.

O capítulo 2, “Génese e transmissão dos Poemas” (pp. 81-113), aborda a tradição oral que está na base da *Iliada* e da *Odisseia*, a composição desses dois poemas - que coloca nos fins do séc. IX ou inícios do séc. VIII -, a sua passagem a escrito e transmissão, para no fim focar a *vexata quaestio* da autoria dos poemas: um só aedo para a *Iliada* e para a *Odisseia* ou dupla autoria. É, no entanto, estranho que, a propósito da passagem a escrito dos Poemas, fale da existência do pergaminho na época arcaica (p. 96, nota 1).

Os capítulos 3 e 4 fazem a análise, respectivamente, da *Iliada* e da *Odisseia* (pp. 115-188 e 189-261), aludindo ao tempo narrado e tempo referido e dando-nos um resumo comentado de cada Canto, para o primeiro poema, e discutindo a estrutura do segundo, com saliência para os erros de Ulisses, a geografia implícita no poema, os conflitos em Ítaca e as ambições dos Pretendentes, os primeiros planos de Telémaco que denunciam já a sua emancipação, os enganos de Penélope

e o triunfo de Ulisses. Embora não deixe de abordar uma ou outra questão relacionada com a língua e estilo homéricos, estes dois capítulos tratam, acima de tudo, do resumo e exposição do conteúdo dos dois poemas.

Feita esta análise rápida da *Iliada* e da *Odisseia*, o cap. 5, intitulado “As sociedades homéricas” (pp. 263-320), vai abordar alguns dos aspectos mais significativos da sociedade homérica: o *oikos*, como célula social e económica; a hospitalidade, o casamento e outras ocasiões em que se procede à oferta ou troca de presentes; a vida política, em que alude às principais instituições, como o conselho e a assembleia, e faz a distinção entre *anax* e *basileus*; os privilégios reais - e do herói em geral —, como o *geras*, os banquetes, o *temenos* e outras dádivas; a religião, a guerra, o exercício da justiça (com realce para a cena do “Escudo de Aquiles”), as qualidades de um rei (coragem e inteligência). Trata-se de uma boa análise da sociedade e cultura dos palácios homéricos.

O capítulo 6, “Homero e a História” (pp. 321-355), é uma espécie de coroamento ou de conclusão dos anteriores, já que vai tentar responder às perguntas lançadas inicialmente. Após referir a consistência e coerência da sociedade homérica — «le tableau que dressent les poèmes homériques est d’une remarquable cohérence» (p. 323) —, sublinha que ela resulta, no entanto, de uma sobreposição e amálgama de épocas: «Les interprétations et réinterprétations de nombreuses générations d’aèdes sont parvenues à créer un amalgame presque parfait» (p. 323).

Analisa, em seguida, a historicidade da Guerra de Tróia, expondo sumariamente as escavações de Schliemann, as de Blegen e a cronologia proposta por este especialista; a oposição de Finley à identificação de Tróia com a cidadela descoberta na colina de Hissarlik; e o apoio que a tese da historicidade recebe dos dados das escavações de Manfred Korfmann. Apoio que também encontra nas informações dos documentos dos Arquivos Hititas sobre Tróia.

Faz alusão à cultura material dos Poemas que, em grande parte, coincide com a que nos foi revelada pela arqueologia micénica.

Por fim, conclui com o estudo de alguns aspectos das sociedades homéricas e sua comparação com as sociedades históricas: a utilização dos carros, a organização económica, os usos matrimoniais, a religião e a vida política que predominantemente situa no tempo do poeta (pp. 344-354).

Assim, das três tendências correntes sobre a historicidade da sociedade homérica - a que situa o essencial dela nos tempos micénicos, a que coloca essa sociedade na Idade Obscura (sécs X e IX a. C.) e a que a identifica sobretudo com a época do poeta -, o autor privilegia, portanto, a terceira.

Por conseguinte, toma-se explícita e lógica a conclusão deste estudo: apesar de não deixar de recordar que se devem ter em mente as características próprias da tradição épica, escreve que «Yhistorien peut utiliser les poèmes homériques comme sources historiques. *Oiliade* et l’*Odissée* sont des documents exceptionnels pour reconstruire l’histoire à court terme du haut archaïsme, pour retracer l’évolution à long terme qui conduit des royaumes mycéniens aux cités grecques classiques» (p. 355).

Trata-se de uma posição perigosa. E é-o tanto mais quanto as opiniões de historiadores e arqueólogos estão longe de serem concordantes, no que respeita à época em que se deve situar essa sociedade. Pessoalmente, estou mesmo convencido de que tem mais pontos de contacto com o mundo micénico do que com a Idade Obscura ou com a época de Homero - vide o meu estudo *Hélade e Helenos - Génese e Evolução de um Conceito* (Coimbra, 21993), pp. 39-66.

Apesar disso, estamos perante uma obra que nos dá uma boa visão dos fundamentos e contextos históricos dos Poemas Homéricos e que aborda as questões com sensatez, cuidado e prudência.

Dentro da mesma sensibilidade do historiador que procura apoiar as afirmações e fornecer dados para reflexão se situam os seis anexos (pp. 357-382) sobre: documentos minóicos, as tabuinhas micénicas ou do Linear B e sua classificação, os escribas, os trabalhadores dos palácios, as funções e títulos dos governantes micénicos.

Completam o volume uma abundante bibliografia (pp. 383-400) e índices de pessoas (pp. 401-407), de topónimos e etnónimos (pp. 409-412), além do de matérias (pp. 413-415).

JOSÉ RIBEIRO FERREIRA

MARIA ANTONIETA BRANDÃO S. RIBEIRO, *Capitéis Romanos de Beja*. Câmara Municipal de Beja, 1999, 302 p., ilustrado. ISBN: 972-96795-8-4.

Não serei, provavelmente, a pessoa mais indicada para o comentário ao livro que, recentemente, saiu a público, intitulado *Capitéis Romanos de Beja*. Assim o é porque, mais uma vez, somente terei a aprender com ele perante um quadro tão pobre quanto o é o da bibliografia portuguesa disponível sobre este assunto. Com efeito, os investigadores tendem a menosprezar e, por vezes, intencionalmente a esquecer, um património tão rico quanto importante como o é o da análise de elementos arquitectónicos de época romana. Se exceptuamos alguns investigadores, dos quais teremos obrigatoriamente que destacar Jorge de Alarcão e Theodor Hauschild, o panorama de estudo sobre estes elementos é quase nulo, restringindo-se os investigadores, quando o fazem, a uma mera referência aos mesmos, sem que sejam elaborados estudos de pormenor ou tentativas de integração arquitectónica.

Apraz-nos sinceramente que, finalmente, este panorama se modifique, revelando-se esta publicação como um contributo de extrema importância, para alertar todos quantos se debruçam sobre os temas da época romana em geral e da arquitectura em particular, perante as potencialidades de estudo que estes materiais encerram.